

PUBLICAÇÕES EDIPUCRS

Maria José Somerlate Barbosa (Org.)
PASSO E COMPASSO:
NOS RITMOS DO ENVELHECER
Coleção Memória das Letras, 17
 2003

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
 Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
 Caixa Postal 1429
 90619-900 - Porto Alegre - RS/BRASIL
 www.pucrs.br/edipucrs/
 E-mail edipucrs@pucrs.br
 Fone/Fax: (51) 320.3523

A alternância metafônica da vogal média arredondada no português do Brasil

Ana Ruth Moresco Miranda*

Resumo: Este artigo apresenta o resultado de um estudo experimental que se propõe a testar a realidade psicológica da restrição fonotática formulada por Miranda (2000) em seu trabalho sobre a metafonía nominal. A metafonía, fenómeno associado à diacronía, é entendida como uma regra lexical de mudança de traços que atua no nível 2 da fonologia sempre que se configure o contexto para sua aplicação. A restrição fonotática proíbe que duas vogais médias labiais adjacentes (a vogal tônica da raiz e a vogal temática) não tenham o mesmo valor para o traço [aberto3], ou seja, há uma tendência na língua à rejeição de uma sequência como [...o C_vo]_v. A violação da restrição desencadeia a ação metafônica. O resultado do experimento desenvolvido dá sustentação empírica à formulação proposta.

Palavras-chave: Metafonía nominal. Assimilação. Fonologia.

0 Introdução

A metafonía nominal foi um processo assimilatório muito ativo na evolução do vocalismo latino e está presente ainda hoje na sincronía do português. Miranda (2000) enfocou exclusivamente a alternância [o] ~ [ɔ], encontrada em palavras como 'p[o]rco' ~ 'p[ɔ]rcos', por exemplo. O fenómeno foi descrito à luz dos princípios e convenções da Fonologia Lexical (Kiparsky, 1982, 1985) e da Autossegmental (Clements e Hume, 1995). O estudo respondeu sobre a subjacência da vogal alternante; o status da regra de metafonía no sistema da língua; e sobre o nível de aplicação da regra.

* Universidade Federal de Pelotas.

Neste artigo é feita, na seção 1, uma breve caracterização da metafonía. Na seção 2, organizados em diferentes grupos, são apresentados os dados do português, isto é, aquelas palavras potencialmente sujeitas a sofrerem a alteração metafônica. Em seguida, está a seção que retoma sinteticamente a proposta de Miranda (2000). Por último, é apresentada a descrição do estudo experimental desenvolvido e são feitos comentários acerca dos resultados obtidos.

1 O que é a metafonía

A alteração do timbre da vogal tônica desencadeada pela vogal de uma sílaba contígua é uma consequência da metafonía nominal. Esse processo assimilatório muito ativo na evolução do vocalismo latino está presente ainda hoje no português.

Dada sua origem diacrônica, a observação da evolução do sistema vocálico do latim clássico para o vulgar, em (1), ajuda-nos a entender o fenômeno:

(1)

Quant. latim clássico	ɪ	ɪ	ē	ē	ā	ā	ō	ō	ū	ū
		∨		∨		∨		∨		
Qualid. latim vulgar	j	ɛ	ɛ	a	ɔ	ɔ	ɔ	ɔ	u	u

O sistema do latim clássico apresentava dez fonemas vocálicos: cinco timbres e contraste de quantidade. Com a evolução para o latim vulgar, perdeu-se a oposição pela quantidade e observou-se apenas a distinção tímbrica, característica do galego-português mantida ainda hoje no sistema.

Diacronicamente, a alteração metafônica das vogais se manifesta quando as vogais médias, que no clássico eram breves e deveriam, pela evolução regular, se manifestar com o timbre aberto, adquirem o timbre fechado nas formas do masculino singular, como mostram os exemplos retirados de Silva Neto (1970, p. 190) em (2):

(2)

forma latina regular	evolução masc. sing.	metafonía	manifestação do timbre primitivo no masc. pl.
pōrcu	*porco	pōrcu	pōrcos
ōssu	*osso	ōssu	ōssos
jōcu	*jogo	jōcu	jōgos

No português, a metafonía agiu sobre as vogais médias /ɔ/ e /ē/. Sua atuação sobre as vogais coronais foi, no entanto, menos intensa e apenas a mudança de timbre da vogal média labial pode ser sincronicamente observada.

A alteração metafônica, conforme tratada por Miranda (2000), é entendida como um processo assimilatório desencadeado pela vogal temática /o/ que atua sobre a vogal média arredondada da raiz. Por essa abordagem, a regra atua no sistema como atuam outros processos de neutralização e de assimilação que operam sobre as vogais médias. A metafonía, embora tenha se originado na diacronía, é apresentada como uma regra geral do sistema que se aplica sempre que houver contexto, melhor dizendo, sempre que uma restrição fonotática for desrespeitada.

2 Os dados do português

A metafonía atua em um contexto que pode ser assim genericamente descrito:

vocábulos nominais constituídos de duas vogais médias posteriores no núcleo das duas sílabas finais, sendo acentuada a sílaba mais à esquerda.

Considerando-se essa descrição estrutural obtém-se, a partir da análise do léxico português, três grupos que se encaixam na descrição proposta:

- GRUPO 1 – *Palavras sem alternância - /o/-[o]* – As palavras desse grupo são encontradas em grande número e a vogal média alta dos itens lexicais tem origens variadas, conforme exemplos em (a)

(a)

Palavras sem alternância - /o/-[o] – GRUPO 1'

lodo	ū	esboço	V	rosto	ō	alvorçoço	E
moço	ū	cachorro	V	esposo	ō	estojo	E
potro	ū	broto	V	globo	ō	conforto	E

¹ Ao lado da palavra está a indicação: V = vernacular; E = empréstimo; ū = /u/ breve latino, ô = /o/ longo latino.

- GRUPO 2 – *Palavras sem alternância* – /ɔ/-[ɔ] – Como pode ser observado em (b), considerando-se que esta é uma lista exaustiva, o número de itens pertencentes a esse grupo é muito reduzido e apresenta características especiais. A maioria dessas palavras tem traços característicos comuns: uma vogal média tônica ã nos seus étimos que se manifesta sempre como [ɔ], e a entrada para o português por via erudita (Williams, 1973, p. 50; Cavacas, 1920, p. 148). Há também, em (b), três casos de empréstimo, identificados pela letra E à direita do exemplo, e três de palavras vernaculares que fazem exceção à regra em estudo. São elas: 'c[ɔ]po' e 'tr[ɔ]ço', originados de 'c[ɔ]pa' e 'tr[ɔ]ço', respectivamente; e a palavra 'm[ɔ]lho'.²

(b)

Palavras sem alternância [+ERUD] – /ɔ/-[ɔ] – GRUPO 2

remoto ã	inodoro ã	remorso ã	loto ã	mogno E
sonoro ã	cosmo ã	floco ã	moto ã	bordo E
voto ã	meteoro ã	solo ã	foto ã	bloco E
colo ã	foco ã	poro ã	modo ã	
devoto ã	polo ã	cloro ã		

- GRUPO 3 – *Palavras não-derivadas e derivadas com alternância* – /ɔ/-[o] – Conforme verifica-se em (c), é nessas palavras que ocorre a alteração do grau de abertura da vogal média tônica, ou seja, é nesses casos que a metafonia se manifesta na forma do masculino singular.

(c)

Palavras não-derivadas com alternância – /ɔ/-[o] – GRUPO 3

<i>masc. singular</i>	<i>masc. plural</i>	<i>fem. singular</i>	<i>fem. plural</i>
p[ɔ]rco	p[ɔ]rcos	p[ɔ]rca	p[ɔ]rcas
n[ɔ]vo	n[ɔ]vos	n[ɔ]va	n[ɔ]vas
m[ɔ]llo	m[ɔ]llos		
f[ɔ]lgo	f[ɔ]lgos		

Palavras derivadas com alternância – /ɔ/-[o] – GRUPO 3

n[ɔ]vo	n[ɔ]vos	n[o]vinho	n[ɔ]vinhos
p[ɔ]rco	p[ɔ]rcos	p[ɔ]rquinho	p[ɔ]rquinhos
gost[o]so	gost[ɔ]sos	gost[ɔ]sa	gost[ɔ]sas

Em relação às palavras derivadas deve-se fazer a diferenciação entre palavras formadas por prefixação, 'composto' e 'aeroporto', por exemplo; palavras derivadas por sufixos de nível I, 'gostoso' e 'gasoso'; e palavras derivadas por sufixos de nível II, 'porquinho' e 'formosinho'. Os processos de prefixação e composição, além de não alterarem a categoria gramatical, caracterizam-se por não causarem mudança no acento da palavra, parâmetro envolvido na aplicação da regra, ficando, portanto, esse tipo de palavra fora da análise.

O resultado da associação de sufixos de nível I, como *-ada* e *-idade*, por exemplo, a palavras do GRUPO 3, não tem relação com a regra em estudo. Há, porém, um sufixo de nível I muito produtivo na língua que está relacionado à metafonia, o sufixo *-oso* ([ɔzo]) que depois de associado cria o contexto exigido para a regra, fazendo com que ocorra a alternância, não na raiz da palavra, mas nele próprio, ou melhor, no radical derivacional.

Deve-se considerar também os casos em que na derivação são associados sufixos de nível II, como *-inho*, *-íssimo*, e *-mente*,³ porque, como mostrado no segundo conjunto de exemplos em (c), ocorre a alternância das vogais médias no interior de palavras derivadas através da adjunção desse tipo de sufixos.

3 Análise dos dados (segundo Miranda, 2000)

Os dados da metafonia foram descritos e analisados por Miranda (2000) à luz da Fonologia Lexical (Kiparsky, 1982, 1985) e da Fonologia Autossegmental (Clements, 1989; Clements e Hume, 1995). A metafonia, herança diacrônica, é apresentada como uma regra lexical de mudança de traços que se aplica no nível 2, depois da flexão, transformando, em [o], o /ɔ/ da raiz.

A evolução do sistema vocálico do latim para o português, quando vogais médias breves evoluíram para médias baixas; o fato de a vogal média baixa ser aquela que está presente nas formas pluralizadas e também no feminino; e a ausência de evidências para que se sustente a forma não especificada dessas vogais, levam à proposta de uma vogal /ɔ/ plenamente especificada na subcategoria das formas em que há a alternância tímbrica. Essa posição está em concordância com autores como Câmara Jr. (1970); Cafeeiro (1981) e Andrade (1994), entre outros.

² Essa palavra que significa 'pequeno feixe' é produzida pelos falantes, muito frequentemente, como 'm[o]lho' e não raro como 'm[ɔ]lho'.

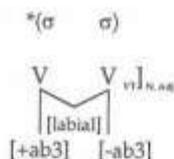
³ Esses sufixos comportam-se na fonologia do português como palavras prosódicas independentes (cf. Lee [1995] e Moreno [1997]).

Sob esse ponto de vista tanto as palavras do GRUPO 2 como as do GRUPO 3 têm um /o/ na subjacência. Desse modo, um dos grupos tem de ter uma marca lexical que iniba a aplicação da regra. São duas as opções: ou os itens do GRUPO 3 são marcados para sofrer a regra; ou os do GRUPO 2 recebem a marca para não sofrê-la. Miranda (2000), através da sugestão de um traço [ERUD], assume a segunda opção.

O fato de as palavras do GRUPO 2 pertencerem a um conjunto que pode ser caracterizado por um traço, aqui definido como [+ERUD] foi interpretado como um indício de que a língua tende a rejeitar uma configuração como aquela encontrada em tais vocábulos, isto é, uma seqüência de duas sílabas em que a vogal /o/, mais à direita, é uma VT de fronteira vocabular e a precedente, /o/, recebe o acento em conseqüência de uma regra geral do português.

Pode-se dizer em outras palavras que em um troqueu silábico⁴ onde as vogais médias labiais não concordem em [aberto 3]⁵ atua uma restrição fonotática, conforme representada em (3):

(3) Restrição Fonotática



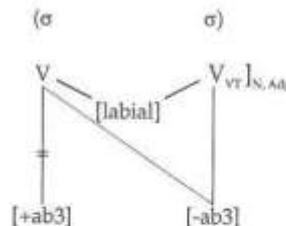
É a atuação da restrição apresentada em (3) que desencadeia a regra de metafonía. A regra, como formulada em (4), desempenha uma dupla função, desliga e espraia o traço. O processo de assimilação é, ao mesmo tempo, uma operação que muda e preenche traços (cf. Kenstowicz [1994, p. 526] sobre regras de dupla função).

⁴ O troqueu silábico é um pé composto por duas sílabas, com proeminência à esquerda. A contagem das sílabas não considera sua estrutura interna. Abaixo está a representação deste pé:



⁵ Utiliza-se neste trabalho o modelo de Clements (1989) para a representação da altura das vogais. Segundo essa proposta, a diferença de altura das vogais médias do português pode ser expressa pelo traço [aberto3]. Enquanto o /o/ é [-aberto3], o /o/ apresenta valor positivo para esse traço.

(4) Regra da Metafonía



A regra (4) diz que:

- em uma seqüência de duas sílabas, cujos núcleos são vogais que compartilham o traço [labial], sendo a da direita uma VT de fronteira vocabular [-aberto3], átona por natureza, e a da esquerda [+aberto3], acentuada pela regra geral da língua, desliga-se [+aberto3] da vogal à esquerda, de acordo com a restrição explicitada em (3);
- [-aberto3] espraia.

A metafonía vista dessa forma aproxima-se dos fatos do português, porque envolve a neutralização, entendida como desligamento (Clements e Hume, 1995, p. 264), e o espraio de uma camada do nó de abertura. Assemelha-se, de um lado, ao levantamento da nasal e à harmonia verbal no sentido de serem processos desencadeados por restrições fonotáticas; e, de outro, somente à harmonia verbal, por serem fenômenos que envolvem o espraio de traços.

4 A realidade da restrição fonotática

A postulação da restrição fonotática, conforme apresentada em (3), atribuiu à regra de metafonía um status de regra geral. Ao invés de serem marcados os vocábulos que apresentam alternância, foi possível mostrar que uma regra lexical de nível 2 atua no sistema sempre que houver contexto, ou seja, sempre que surgirem configurações como a que esta descrita em (4a).

A questão que surge é referente à realidade psicológica dessa restrição. A fim de verificar o comportamento dos falantes frente a palavras que apresentam o contexto em questão, isto é, uma seqüência de duas vogais médias labiais em um troqueu silábico, montou-se um estudo experimental.

Para tanto, um instrumento foi produzido para que se pudesse verificar o comportamento dos falantes diante de palavras que oferecem o contexto para a aplicação da regra.

Foram preparados 20 pequenos textos, nos quais estavam contidas 35 palavras escolhidas no dicionário e supostamente desconhecidas que continham o contexto a ser analisado. Foram controladas variáveis tais como: tamanho da palavra; tipo de sílaba; contexto seguinte e antecedente, para que a amostra estivesse de acordo com as características das palavras pertencentes aos GRUPOS 1 e 2.

Em (5), estão alguns exemplos dos textos utilizados:

(5)

Encontramos no dicionário muitas variações para a palavra nãdegas: nalgas, quadril, assento, traseira, bozó, caneco, holofote, lândrias, lorto, padaria, popa, popô, poupança, rabiosco, rabioste, rabio, rabisteco.

A palavra latrina também tem variações, dependendo da região, diz-se: privada, sentina, cloaca, reservado, retroto, comua, casinha, secreta, banheiro, cafoto, patente, entre outros.

Raimundo achava que o músico queria um adolo, mas ele não tolerava esse tipo de coisa, não nascera para isso. Além do mais, estava cansado daquele indivíduo parolo, cuja rudeza não tinha limites.

Três espécies de macacos: chimpanzé, bonobo e gorila, possuem uma função cerebral relacionada à fala que se pensava exclusiva do ser humano. Isso sugere que a evolução da estrutura cerebral da fala começou antes de primatas e humanos tomarem caminhos distintos na linha da evolução.

Nas noites frias de inverno, depois de queimado o último tarolo, sem mais o calor do fogo, apenas um banho quente e o cufo podiam aquecer-lhe os pés.

Após a formulação do instrumento, procedeu-se a coleta. Os trechos foram apresentados a 40 sujeitos maiores de 18 anos, divididos em dois grupos de acordo com o grau de escolaridade (GRUPO A: 1º grau completo; GRUPO B: 2º grau completo e 3º grau), para que fossem lidos em voz alta, sem leitura prévia. Foi feita a gravação e, após o término da leitura, foi solicitado que os informantes apontassem algumas palavras, para eles, desconhecidas.

Os resultados mostraram que os informantes do GRUPO B, 2º grau completo e 3º grau, produziram o 'o' tônico como [o] em 99% dos casos. Em 700 produções analisadas, o [ɔ] foi produzido apenas 8 vezes. E, no momento em que o falante repetiu a palavra, quando solicitado que apontasse os itens desconhecidos depois da leitura, produziu [o]. Já os informantes do GRUPO A, 1º grau completo, apresentaram um comportamento um pouco distinto. Embora, em sua maioria, tenham repetido o comportamento do GRUPO B, alguns informantes produziram muitas vogais médias baixas. A análise mais detalhada das produções, porém, revelou um resultado bastante interessante. Os mesmos informantes que produziram muitos [ɔ]s e, portanto, não estariam obedecendo à restrição fonotática que estava sendo testada, foram os mesmos que atribuíram, às palavras em questão, um acento proparoxítono. Sendo assim, de uma maneira inusitada, esses falantes marcam duplamente essas palavras para eles desconhecidas, produzindo formas que ferem a restrição fonotática e, ao mesmo tempo, não obedecem ao funcionamento do sistema vocálico da língua que não permitiria uma forma proparoxítona com uma vogal [ɔ] produzida na sílaba postônica não final. Dessa forma, a estranheza dessas produções reforçam a idéia da existência dessa tendência à rejeição de formas que apresentem uma configuração que fere a restrição proposta.

Referências

- ANDRADE, Ernesto d'. *Temas de fonologia*. Lisboa: Colibri, 1994.
- CAFEZEIRO, Edwaldo Machado. *A metafonía portuguesa: aspectos sincrónicos e diacrónicos*. Tese de Doutorado, UFRJ, 1981.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. (1970). *Estrutura da língua portuguesa*. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CAVACAS, A. D'Almeida. *A língua portuguesa e sua metafonía*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1920.
- CLEMENTS, G. N. *On the representation of Vowel Height*. (ms). Cornell University, 1989b.
- ; HUME, E. V. *The internal organization of speech sounds*. In: GOLD-SMITH, John (Ed.). *The handbook of phonological theory*. Massachusetts: Blackwell, 1995.
- KENSTOWICZ, M. *Phonology in generative grammar*. Cambridge: Blackwell, 1994.

KIPARSKY, Paul. Some consequences of lexical phonology. *Phonology Yearbook*, 2. London: Cambridge University Press, p. 85-138, 1985.

LEE, Seung-Hwa. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. Tese de Doutorado, UNICAMP, São Paulo, 1995.

MIRANDA, Ana Ruth. *A metafonia nominal (português do Brasil)*. Tese de Doutorado, PUCRS, 2000.

MORENO, Carlos. *Morfologia nominal do português*. Tese de Doutorado, PUCRS, 1997.

SILVA NETO, Serafim. *História da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

WILLIAMS, Edwin. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/INL, 1973.